

# “ NOTA 7 PARA O BRASIL



**JIM O'NEILL, O CRIADOR DO TERMO BRIC, DIZ QUE A SOLIDEZ DA POLÍTICA ECONÔMICA DO PAÍS É SUA PRINCIPAL VANTAGEM, E A FORÇA DO MERCADO INTERNO, SUA MAIOR ESPERANÇA**

**POR EDSON PORTO**

Quando Jim O'Neill criou o termo Bric, em 2001, não imaginava o sucesso que o acrônimo faria. No primeiro documento sobre o assunto, o economista fala sobre o potencial de crescimento de Brasil, Rússia, Índia e China e faz um trocadilho com a palavra *brick*, que em inglês significa tijolo. Ele estava havia dois meses no cargo de diretor de análise econômica global do banco Goldman Sachs e buscava um conceito para marcar sua chegada. Conseguiu. O'Neill tornou-se uma estrela internacional, e os Bric encantaram de investidores a políticos. Mas, com o sucesso, vieram as críticas, e elas estão aumentando na atual crise. Para quem não gosta da união dos países em uma sigla, a ideia não faz sentido, porque os quatro seriam muito diferentes. Argumenta-se também que nem todos merecem a atenção recebida (leia-se Brasil e Rússia) nem cumprirão a previsão de ser as maiores economias do mundo, ao lado dos Estados Unidos, em 2050. Nesta entrevista a *Época Negócios*, Jim O'Neill diz que a ideia dos Bric está mais viva do que nunca e que o Brasil mantém sua posição. Para ele, entre as maiores vantagens do país estão a solidez da política macroeconômica e o mercado interno. "De O a IO, dou uma nota 7 para o Brasil", afirma ele. A Rússia é o único país que o economista vê ameaçado. No entanto, se tivesse de mudar algo, a principal alteração seria a inclusão do México. "Hoje, eu teria criado os Brimc." A seguir, os melhores trechos da conversa.

Recentemente, o senhor disse que a atual crise é um grande teste para

**Brasil e Rússia. Por quê?** Por causa da dependência das commodities. Como eu disse por cerca de três anos, você não seria capaz de ver as evidências de quão reais foram as mudanças nesses países sem uma crise, porque o período em que criei o acrônimo coincidiu com um grande crescimento dos preços das commodities.

**E qual é a sua avaliação sobre esses dois países até agora?** Acho que, de O a IO, eu dou 3 para a Rússia e 7 para o Brasil.

**Por quê?** Porque se você olhar a gravidade desta crise, a Rússia parece estar entre os que sofreram mais, e o Brasil aparece entre os 30% melhores. E, embora o PIB tenha desacelerado dramaticamente, o Brasil não apresentou nenhum sinal de uma crise real pelos padrões brasileiros. Acho que isso tem demonstrado que o conjunto de políticas macroeconômicas que o governo do presidente Lula permitiu ou introduziu tem sido muito bem sucedido. Eu, na verdade, me vi dizendo para algumas pessoas recentemente que, se elas olharem para a primeira década deste milênio, talvez, talvez, a liderança brasileira mereça o título de os formuladores políticos mais bem sucedidos do mundo.

**Em uma reportagem recente, a revista *The Economist* disse que o Brasil estava atravessando bem esta crise porque foi indolente com as reformas e, por exemplo, não vendeu os grandes bancos públicos. O senhor concorda?** Tenho alguma simpatia por essa tese. É muito interessante ver, por exemplo, como o sistema financeiro chinês tem lidado bem com

a crise. Acho que o capitalismo gerenciado realmente tem suas vantagens.

**Essa é uma grande mudança na visão predominante há dois anos, não?** Sim, sem dúvida. Acho que o que estamos vendo globalmente é que os dias de sistemas econômicos e financeiros completamente livres acabaram.

Voltando aos Bric, quais são as vantagens e desvantagens da economia brasileira, comparada à de outros países? Existem vários pontos, mas eu diria que a grande vantagem é o conjunto de políticas macroeconômicas, e que a principal desvantagem é como a economia brasileira ainda é muito influenciada pelo ciclo das commodities, algo sobre o que o país não tem nenhum controle. Outros pontos positivos são o tamanho da população e a sua composição, o que, aliás, vai ampliar as vantagens do país no futuro. Quando olhamos as projeções para as economias dos Bric nos próximos 40 anos, quanto mais avançamos no futuro melhor fica a posição brasileira, especialmente comparada à Rússia e à China.

**Mas o Brasil é menos importante do que China e Índia, não?** Bom, China e Índia têm cada uma uma população acima de 1 bilhão de pessoas. Se você pensar que o crescimento é determinado por dois fatores, o tamanho da sua força de trabalho e sua produtividade, não existem países como esses dois, simplesmente porque eles têm muita gente. O Brasil tem apenas um quarto dessa população. Nesse sentido, qualquer um que pense que o Brasil pode crescer a taxas de 10%, como China e Índia, deve estar

*"EMBORA O PIB TENHA DESACELERADO dramaticamente, o Brasil não apresentou nenhum sinal de crise real pelos padrões brasileiros"*

## *“PARA A MAIORIA DOS PAÍSES, o último trimestre de 2008 foi o pior. Isso provavelmente é verdade para o Brasil também”*

louco. Isso nunca vai acontecer. Mas o Brasil tem tantas pessoas quanto a maioria dos outros grandes países do mundo, com exceção dos Estados Unidos, e a estrutura da população tem um grande potencial de crescimento.

Ajuda o fato de haver uma parcela da população que ainda é pobre e está lentamente ganhando mais? Isso é positivo em dois sentidos. Dá a esperança de que existe um fator interno que ajuda o Brasil. Algo que ficou claro nesta crise é que países com populações pequenas não têm a alternativa do crescimento doméstico. É um grande problema em nações como Alemanha e Japão. O Brasil não tem esse problema. E o Brasil é tão desigual em termos de renda que isso dá um grande incentivo aos políticos para tentar melhorar a situação.

Quando o senhor fala do potencial chinês ou indiano, não se corre o risco de ignorar outros problemas desses países, como a instabilidade política? Sim, talvez em 20 anos seja verdade que isso será um problema. Nesse sentido, pode ser verdade que o Brasil tenha uma vantagem, porque já tem uma democracia estável. Eu não acho que essa é uma questão para a China nos próximos dez anos, mas acho que nos próximos 20 anos, à medida que o país enriquece, será um desafio maior. Na Índia, as eleições em abril e maio serão muito importantes, porque elas têm de melhorar os governos. A Índia não está realizando o potencial da sua incrível força de trabalho. Nos próximos 20 anos, a população da Índia vai crescer um Estados Unidos inteiro, o que é incrível. Mas, a menos que os indianos tenham mais

produtividade e menos burocracia, não creio que isso será uma vantagem.

E a Rússia? A Rússia tem um imenso problema. Eles têm uma questão demográfica muito ruim. Em 20 anos, a Rússia vai perder população e, em 2050, eles provavelmente perderão 30 milhões de pessoas.

E eles não têm uma situação política exatamente estável... Sim, eles também têm grandes desafios nessa área. Acho que, dos quatro países, os desafios para a Rússia são facilmente os maiores. Apesar de tanto Brasil como Rússia serem dependentes de commodities, no caso brasileiro isso é bem diversificado. A Rússia tem apenas uma commodity: energia. Se os preços da energia ficarem baixos por um longo período, será um grande problema para a Rússia.

No Brasil, algumas multinacionais têm dito que vão manter seus investimentos no país. É uma aposta correta? Acho que faz sentido até o ponto em que a gestão macroeconômica se mantiver sensata, como tem se mantido. Acho que a verdadeira oportunidade do Brasil nos próximos dez anos será no lado do consumo doméstico.

O que o país tem de fazer para realizar esse potencial? Dada a sua história caótica, o que o Brasil realmente tem de continuar trabalhando é em garantir a estabilidade macroeconômica, especialmente em relação à inflação. Se a população brasileira acreditar que há um futuro estável, será possível desenvolver uma sociedade de consumo moderna. As pessoas vão pensar na di-

nâmica salarial no longo prazo e desenvolver um perfil de consumo de longo prazo, o que pode resultar em um grande crescimento da cultura de consumo.

O Brasil já não atingiu esse estágio? Acho que os sinais são encorajadores. Acho que muito ainda depende de o quanto esta crise será ruim globalmente e o quanto bem sucedida a condução da política econômica continuará a ser.

Ainda há muitas dúvidas sobre como o Brasil está sendo afetado pela crise. Qual é sua visão para 2009? Nós (do Goldman Sachs) provavelmente vamos diminuir nossa previsão para o PIB do Brasil. Mas para a maioria dos países - não para todos -, o último trimestre de 2008 foi o pior. E provavelmente isso será verdade para o Brasil também. A economia mundial basicamente dormiu por causa do colapso do Lehman Brothers. Para qualquer país envolvido de alguma forma em commodities e comércio internacional, esse período foi de choque. Mas o que acho que provavelmente aconteceu foi um ajuste maciço nos estoques de companhias e indústrias que ficaram sem crédito. E se a demanda mundial não se reduz na mesma proporção, em algum momento as empresas vão recompor seus estoques. Separadamente e muito importante para os preços das commodities, é o resultado da China, que lançou um enorme pacote de estímulo, e já há sinais de que começaram a melhorar.

Então estamos mais perto do final da crise? Acho que para a China, sim. Possivelmente parti alguns outros países também. Talvez até para os Estados Unidos, mas ainda é pre-

ciso ver mais resultados para assegurar que a situação mudou lá.

**O Morgan Stanley afirmou em março que o PIB brasileiro pode cair até 4,5%. É exagero?** O produto do Brasil talvez sofra uma contração em 2009, mas de no máximo 1%. E principalmente por causa do que já aconteceu. Do passado.

**Alguns analistas estão exagerando no pessimismo, então?** Vou dizer algumas coisas sobre isso. Primeiro, lidero uma equipe de 80 pessoas que fazem previsões. Nenhum de nós sabe. Estamos no cenário mais incerto e cíclico que já enfrentamos. Eu não sei, no fundo, se o Morgan Stanley vai acertar. Segundo, por causa da natureza do trabalho de quem faz previsões, normalmente é uma tentação apresentar uma visão mais extrema, e isso é um perigo, agora. A terceira é que se você olhar para as commodities na China e a estabilidade macroeconômica no Brasil, minha aposta é que o Brasil vai estar muito melhor no meio do ano.

**Sobre o papel do governo, o sr. já falou. E quanto aos empresários brasileiros, o que podem fazer?** Acho que eles devem olhar para oportunidades e apoiar a estabilidade.

**O Brasil não lançou nenhum pacote de estímulo como a China ou a Rússia, mas há quem acredite que o aumento dos gastos do governo pode representar um risco. Representa?** Acho que, por enquanto, o Brasil não precisa fazer muito mais, mas se o primeiro trimestre se mostrar tão ruim quanto foi o último trimestre do ano passado acredito que o

governo deveria sair com um grande pacote. O Japão mostrou que se você deixa a sua economia ficar fraca por muito tempo, a dinâmica fiscal se deteriora de qualquer forma. Então, vale correr o risco.

**Atese dos Bric continua válida, apesar da crise? Acho muito curioso que as pessoas digam que a história dos Bric acabou. Outro dia recebi um e-mail de um acadêmico muito conceituado e ele me pediu as novas previsões para os Bric para 2050. Eu disse: não temos uma nova previsão. E aí, ele disse: mas claro que vocês devem ter. deve ser mais pessimista. Perguntei por que e dei a ele apenas duas estatísticas. Primeiro, a projeção consensual para o crescimento da China neste ano é de 7%. A segunda é que a média que assumimos na nossa projeção até 2050 era 5,8%. Fomos conservadores porque sabíamos que haveria ciclos econômicos.**

**Isso também vale para a Rússia? A Rússia é o país para o qual o questionamento é mais válido. Mas na tese dos Bric assumimos um crescimento médio de apenas 2,8% para a Rússia. Foi muito conservadora também. Sim, posso ver algumas questões sobre a Rússia, mas assim que os preços do petróleo voltarem a subir, o país volta a crescer.**

**Se tivesse de criar o acrônimo hoje, ele seria igual?** Eu possivelmente chamaria de Brimc, para incluir o México.

**A idéia dos Bric tem sido mal utilizada em algumas situações? Acho que um pouco no mercado de investimento. Muitas pessoas tentaram desenvolver fundos de investimento e não pensaram sobre a questão da valorização**

das ações. Pessoas tentaram vender Brics no final de 2006 e 2007, quando a valorização de suas empresas era o dobro das americanas. Era loucura.

**O sr. acredita que foi atacado por coisas que nunca disse sobre os Bric? Desde o começo, todo o tempo, toda semana (risos). Nós nunca dissemos que a nossa projeção de 2050 vai acontecer, mas que poderia ocorrer. As pessoas citam o tempo todo, de forma equivocada, o que dissemos. Acho isso incrível e curioso.**

**Uma das críticas importantes às projeções é que elas não levam em consideração as limitações ambientais. Vocês não pensaram nisso? É impossível criar um modelo, mas eu pensei sobre isso, sim, e penso o tempo todo. Acho que é do interesse da China e da Índia, no longo prazo, buscar e desenvolver eficiência energética e processos sustentáveis. Gosto que as pessoas falem disso, porque força os países a considerarem políticas melhores. É verdade que essa pode ser uma barreira para o crescimento desses países no futuro.**

**Será que, diante de tudo isso que foi dito, o Brasil e os outros países do Bric podem agora ter algo a ensinar às nações desenvolvidas? Há duas coisas. A primeira é humildade, algo que nem todos os países demonstraram, diferentemente dos brasileiros e dos chineses. A segunda é que eles podem mostrar que o papel do Estado não é sempre negativo para influenciar o crescimento e o desenvolvimento das nações. EN**



*“A VERDADEIRA OPORTUNIDADE para o Brasil nos próximos dez anos será no lado de seu consumo doméstico”*